

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

PROJETO PARA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
AUTORA: IARA REGINA DEMETRIO SYDENSTRICKER CORDEIRO  
ORIENTADOR: CARLOS BERNARDO VAINER

CHUVAS DE VERÃO: CATASTROFE URBANA E PRÁTICAS SOCIAIS  
NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Elizabell,

estas três primeiras páginas são da versão  
original em português. Achei que você poderia  
gostar de ler a introdução como eu a  
concebi originalmente.

Jair.

Rio de Janeiro  
março de 1992

## RESUMO

Partindo do pressuposto de que, longe de serem um evento excepcional, as catástrofes associadas às chuvas de verão são um fenômeno regular que faz parte da vida da cidade do Rio de Janeiro, a pesquisa pretende examinar como esta cidade a) percebe as chuvas e suas seqüelas; e b) opera diante de seus efeitos.

No exame das representações e práticas associadas às catástrofes urbanas deflagradas pelas chuvas de verão, serão privilegiados três segmentos representativos da sociedade e do drama da cidade: a administração pública, os meios de comunicação de massa e a população "atingida". Para o primeiro, serão examinados o sentido e a eficácia das políticas preventivas e ações emergenciais, bem como seu aparato institucional. Para os meios de comunicação, será feito um levantamento na imprensa escrita. Quanto aos "atingidos", realizar-se-á estudo de campo em "áreas de risco", áreas atingidas e junto a "ex-desabrigados".

Considerando a catástrofe como um evento delimitado no tempo, o estudo contemplará um recorte temporal com três momentos: antes, durante e depois.

## INTRODUÇÃO \*

— Comigo não aconteceu nada. Só os olhos ficaram machucados de ver tanta tristeza. Às vezes, a gente prefere não enxergar. Mas também não adianta, como quase tudo que eles sempre fazem. Todo o ano é a mesma coisa: os homens vêm aqui, avisam que vai cair, apontam pra um monte de barracos e vão embora. Aí, a gente, fica sem ter o que fazer. Sair pra onde, doutor? Naquele fevereiro eu dei sorte da família ter viajado p'ro Norte. Era eu sozinho, graças a Deus. Fui dormir na Associação, mas de dia ia sempre em casa, pra ninguém pensar que abandonei. Tem muita gente de olho nisso aqui, mesmo sabendo que um dia pode morrer soterrado. Mas é isso, quem não arrisca não consegue nada. O senhor tá querendo saber como foi, não é? Olha, nem dá pra descrever, não gosto nem de lembrar. O estrondo foi muito forte e aconteceu de repente. Quando eu vi, não tinha mais nada, era só terra e um silêncio de apavorar. Corri pra acudir. Parecia um sonho ruim... eu escavava com as mãos, sabia que tinha gente lá, mas não conseguia tirar... não conseguia. Passei muito tempo com isso na cabeça, sem dormir direito. Prefiro não falar mais. Tem coisas que a gente só conhece quando vive... quando vê. O senhor e esse pessoal todo aí de baixo não sabem o que é isso. O jornal sobe aqui só pra tirar fotografias e fazer perguntas. Não querem nem saber da nossa dor. Vi um jornalista com a câmera na mão, ao vivo, filmando uma moradora que estava desesperada atchas dos filhos sumidos. Só pra conseguir vender mais... Tive vontade de quebrar tudo. Os bombeiros levaram muito tempo pra chegar. E que a cidade tava toda alagada — o senhor deve lembrar — tava toda

---

\* A estória abaixo é de nossa autoria

alagada, era engarrafamento em todo canto. Quando eles chegaram trazendo os equipamentos, já tinha passado quase três horas. Deu pra salvar muita gente... mas uma mulher, um menino e um senhor, esses eles não conseguiram tirar com vida. A Associação ficou lotada. Encheu de gente com medo da casa cair, mais o pessoal atingido. Foi a pior noite que tive na vida. E se o senhor pensa que durou pouco, tá enganado. Foram mais de dois meses pra coisas voltarem ao normal. Normal é modo de dizer, porque depois de tudo aquilo, ninguém consegue ser como era antes. Teve gente que se deu bem. Conseguiu casa nova com a Prefeitura, em lugar com segurança. Mais longe daqui, mas pelo menos a chuva não apavora mais. Eu não quis. Coloquei mais brita e cimento pra reforçar a estrutura. O senhor pode ver, isso aqui não cai de jeito nenhum. Só se Deus quiser. Mas aí não dá pra escapar. Ele querendo, pode cair até casa de bacana, que nem aquele prédio na Zona Sul. Ninguém consegue estar livre do perigo - do "risco", como eles chamam. Tá em toda parte. Pra nós, que somos pobres, é muito pior. O dinheiro não dá pra comprar tudo de novo. Mas eu sou tinhoso: foi aqui que eu consegui construir minha casa - até azulejo coloquei - e é aqui que eu vou morrer. Tem dias que eu penso que a casa que a gente faz pra viver é a mesma de quando a gente morre. Pra que se preocupar? Um dia todo mundo vai morrer. Eu prefiro morrer junto de tudo que é meu...